

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS BAGÉ**

ROSIMÉRI DE AVILA GOULART

O ENROLAR DOS FIOS: Conhecendo histórias de mulheres negras

Bagé

2022

ROSIMÉRI DE AVILA GOULART

O ENROLAR DOS FIOS: Conhecendo histórias de mulheres negras

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e respectivas literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Clara Zeni Camargo Dornelles

**Bagé
2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

G688e Goulart, Rosiméri de Avila

O enrolar dos fios: conhecendo histórias de mulheres negras
/ Rosiméri de Avila Goulart.

53 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - LÍNGUAS ADICIONAIS INGLÊS, ESPANHOL
E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2022.

"Orientação: Clara Zeni Camargo Dornelles".

1. Raça. 2. Identidade Negra. 3. Estética do cabelo. 4.
Vivências. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

ROSIMÉRI DE AVILA GOULART

O ENROLAR DOS FIOS: CONHECENDO HISTÓRIAS DE MULHERES NEGRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras: Línguas Adicionais (Inglês, Espanhol e respectivas literaturas) da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 18 de março de 2022.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Clara Zeni Camargo Dornelles
Orientadora
(Unipampa)

Profa. Dra. Gilane Vargas Escobar
(Unipampa - campus Jaguarão)

Profa. Dra. Kátia Vieira Morais
(Unipampa - campus Bagé)



Assinado eletronicamente por **CLARA ZENI CAMARGO DORNELLES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/03/2022, às 11:14, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **KÁTIA VIEIRA MORAIS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/03/2022, às 11:14, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_sistema=0, informando o código verificador **0757612** e o código CRC **ABF28885**.

Referência: Processo nº 23100.004627/2022-21 SEI nº 0757612

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo investigar como os tipos de cabelos influenciam no autoconhecimento e na auto aceitação da mulher negra. Partindo das minhas vivências pessoais sobre a relação cabelo e auto estima, buscamos compreender como outras mulheres negras se relacionam com seus diferentes cabelos em suas trajetórias de vidas. Entendemos que pesquisar sobre uma vivência é vivenciá-la simultaneamente. Assim, a abordagem escolhida para realizar esta pesquisa foi qualitativa e utilizamos o método da entrevista narrativa tridimensional (CLANDININ; CONNELLY, 2015) para realização e análise de entrevistas. Para dialogar com os conceitos gerais de raça e identidade negra, trouxemos os teóricos Munanga (2003; 2020) e Almeida (2019) que enfatizam como a raça é uma construção social. E as teóricas Silva (2017), Gomes (2019), Oliveira e Mattos (2019), entre outras que vão ao encontro da construção de uma identidade baseada em diferentes contextos sociais. O modo como é construída a percepção do que é ser negro no Brasil vai ser diferente considerando as diversas formas de interação do “eu” com o “outro”, o tempo e o local que está acontecendo, a percepção dos conflitos raciais que ocorrem nessas localidades e o modo de reação a esses conflitos será diferente em cada indivíduo. Nas entrevistas conseguimos perceber essas diferenças, cada participante utiliza um modelo de cabelo diferente, vivem na mesma cidade, todas passaram por vivências semelhantes durante suas infâncias, mas se relacionam de formas distintas com seus cabelos. Foram realizadas um total de 3 entrevistas com mulheres que se identificam como mulheres negras, com idades e atuação em áreas diferentes. A análise nos permitiu compreender a importância de referências negras que performam seus traços negróides positivamente, lutando sempre contra essa supremacia branca que está constantemente impondo seu padrão eurocêntrico como o certo. A partir dos dados analisados conseguimos perceber como o cabelo afeta diretamente na autoestima dessas mulheres negras e em suas relações sociais e profissionais.

Palavras-Chave: Raça; Identidade negra; Estética do cabelo; Vivências.

RESUMEN

Este trabajo de investigación tiene por objetivo investigar cómo los tipos de cabellos influyen en el autoconocimiento y en la autoaceptación de la mujer negra. Partiendo de mis vivencias personales sobre la relación cabello y autoestima, buscamos comprender cómo otras mujeres negras se relacionan con sus diferentes cabellos en sus trayectorias de vida. Entendemos que investigar sobre una vivencia es vivenciarla simultáneamente. Así el enfoque elegido para realizar esta investigación fue el cualitativo y utilizamos el método de la entrevista narrativa tridimensional (CLANDININ; CONNELLY, 2015) para realización y análisis de entrevistas. Para dialogar con los conceptos generales de raza e identidad negra, trajimos los teóricos Munanga (2003; 2020), Almeida (2019), que enfatizan cómo la raza es una construcción social. Y las teóricas Silva (2017), Gomes (2019), Oliveira e Mattos (2019), entre otras que están de acuerdo con la construcción de una identidad basada en diferentes contextos sociales. El modo como es construida la percepción de lo que es ser negro en Brasil será diferente considerando las diversas formas de interacción del “yo” con el “otro”, el tiempo y el lugar en que está ocurriendo la interacción, la percepción de los conflictos raciales que ocurren en estas localidades y el modo de reaccionar ante estos conflictos será diferente en cada individuo. En las entrevistas, conseguimos percibir esas diferencias, cada participante utiliza un modelo de cabello diferente, viven en la misma ciudad, todas pasaron por vivencias semejantes durante su niñez, pero se relacionan de maneras distintas con su cabello. Fueron realizadas un total de 3 entrevistas con mujeres que se identifican como mujeres negras, con edades y actuación en diferentes áreas. El análisis nos permitió comprender la importancia de referencias negras que performan sus rasgos negroides positivamente, luchando siempre contra esa supremacía blanca que constantemente impone su patrón eurocéntrico como el cierto. A partir de los datos analizados, pudimos percibir cómo el cabello afecta directamente en la autoestima de estas mujeres negras y en sus relaciones sociales y profesionales.

Palabras clave: Raza; Identidad negra; Estética del cabello; Vivencias.

SUMÁRIO

| | | |
|------------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 6 |
| 2 | CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA..... | 9 |
| 2.1 | “Quem acha que raça não existe levanta a mão” | 9 |
| 2.2 | Corpo e cabelo na identidade negra..... | 10 |
| 2.3 | Diferentes contextos identitários..... | 13 |
| 3 | METODOLOGIA..... | 15 |
| 3.1 | Participantes da pesquisa..... | 17 |
| 4 | CONHECENDO AS TRAJETÓRIAS DOS FIOS..... | 19 |
| 4.1 | Tranças, nós e desembaraços..... | 19 |
| 4.2 | Problemáticas e afins..... | 25 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 31 |
| | REFERÊNCIAS..... | 34 |
| | APÊNDICES..... | 35 |

1 INTRODUÇÃO

Desde criança, eu escuto histórias das mulheres de minha família sobre seus cabelos, como elas se viam ou deixavam de se ver. Cabelos longos, curtos, crespos, encaracolados, trançados, soltos... cabelos perdidos, enredados, rejeitados.

Eu cresci entre idas e vindas por Bagé e Candiota - RS, cidades localizadas aproximadamente uns 377,6 km da capital (Porto Alegre), cidades estas majoritariamente conservadoras, racistas e sexistas que afetaram a minha construção social e pessoal. Consequentemente troquei muito de escolas durante o ensino regular, assim sempre era “a aluna nova” e a cada nova escola a questão se repetia, eu era a “neguinha do cabelo duro”.

O cabelo sempre teve grande influência na minha história, desde o momento de me ver como uma menina até o ponto de me tornar uma transgênero. Quando pequena eu não tinha controle sobre meus cabelos, pois minha mãe era quem decidia o que fazer com eles, e ela sempre o raspava me deixando quase careca. E isso refletia na vizinhança e nas escolas onde eu era constantemente confundida com um menino, me tornando alvo de piadas/bullying. Na adolescência comecei o processo de alisamento e muitas químicas para alcançar o cabelo dito como “liso ideal”, segui aguentando o preconceito por mais alguns anos e com isso sofri muitas quedas de cabelo, e assim consequentemente afetando minha autoestima.

Chegando na fase adulta, mais precisamente entrando no ambiente universitário, foi quando conheci tantos outros dos meus (pessoas pretas), que também passaram por situações semelhantes a minha, mesmo em seus tantos corpos diferentes; conhecer as vivências delas/deles me deu forças para começar a entender meu cabelo também. Hoje em dia, eu posso finalmente dizer que me permito ser quem eu quiser, com o cabelo que assim desejar.

Quanto mais histórias temos para contar sobre nossos cabelos? Como a diferença de uma textura pode influenciar na autoestima de uma mulher negra? Trabalhar com tranças me permite conhecer histórias de meninas e mulheres negras com diferentes vivências, mas que se assemelham num mesmo ponto, o cabelo, esse que tanto “dá trabalho”, cabelo difícil de desenrolar, cabelos fortes que depois de tantos anos passando por químicas continuam a crescer e encaracolar/encrespar novas vidas. Muitas ainda estão passando pela fase de transição e utilizam as tranças para ajudar nesse processo que para elas é um momento difícil. As formas

de cabelos interferem diretamente com a autoestima da mulher, e principalmente da mulher negra, que perpassa por diversos obstáculos causados pelo racismo para alcançar/criar uma autoestima alta. Assim como Oliveira e Mattos (2019) trazem em seus estudos, a identidade da mulher negra é construída a partir da aceitação da sua estética, onde se distanciar do seu natural e aproximar do padrão construído branco determina como será sua aceitação na sociedade.

As características de um determinado fenótipo são cultural e socialmente aceitas ou desqualificadas, e oferecem condições distintas para a produção de identidades. Os estereótipos associados às mulheres negras reiteram seus corpos como estando fora dos padrões (de beleza, de feminilidade, de humanidade), o que produz atravessamentos em suas identidades. As mulheres negras constroem suas identidades a partir das vivências que seus corpos lhes proporcionam. Esse processo é atravessado pelos ideais de gênero e raça valorizados socialmente, o que tem efeitos sobre suas vivências. (OLIVEIRA; MATTOS, 2019, p. 449).

Como resultado desses atravessamentos, acontecem as diversas químicas e procedimentos muitas vezes dolorosos e desgastantes para as mulheres negras chegarem a uma estética vista por uma sociedade racista como “ideal”, como aceita.

Segundo Silva (2017, p.95) “[...] o sentimento de rejeição expresso entre os negros revela a distância social entre esses e brancos como uma construção sócio-político-cultural, apelando para a crença da supremacia branca”. Esse histórico social e cultural escravocrata que o Brasil carrega revela/mantém esse instinto de poder da população branca ditando tudo aquilo que lhe agrada como aceito e belo, e utilizando de diversas formas para inferiorizar o corpo negro, seja fisicamente, intelectualmente e psicologicamente. Silva (2017) também traz em seu estudo como o cabelo é visto como forma de resistência pelos movimentos negros, um resgate a sua ancestralidade que tanto lhe foi negada, assumir seu Black não é só estética, é uma forma de luta para muitas militantes, e é uma liberdade para as não militantes de usar o cabelo que bem entender.

A cultura dos cuidados aos cabelos afros foi por muito tempo apagada, mas com aumento de pautas sobre e com o crescimento de digitais influencers, como Nátaly Neri, Camilla de Lucas, Jucy Carvalho e entre outras, as informações e dicas circulam de forma mais rápida, mais indústrias estão atrás consumidor negro. A qualquer momento com ajuda da internet podemos acessar dicas e resenhas sobre como finalizar, trançar e pentear nossos cabelos, reforçando assim a beleza e força da mulher negra uma através da outra com um maior alcance. Levando em conta

não só o ponto estético, entendido aqui como que não se limita somente à beleza, que percorrem os corpos de mulheres negras até seus cabelos, este trabalho de pesquisa partiu da seguinte questão: **como a estética do cabelo influencia na construção do autoconhecimento/auto aceitação da mulher negra?**

No contexto dessa pergunta de pesquisa, delineei o seguinte objetivo geral: **investigar como os tipos de cabelos influenciam no autoconhecimento e na auto aceitação da mulher negra;** e como objetivos específicos:

- Compreender como as mulheres negras se relacionam com seus cabelos.
- Identificar e problematizar quais elementos influenciam nas escolhas da estética dos cabelos das mulheres negras.

Entender como o cabelo afeta o autoconhecimento de uma mulher negra nos possibilitará entender como uma sociedade construída com base no racismo atravessa o ser e o molda a partir de interferências que delimitam seu conhecer de si. Deste modo, realizei uma pesquisa de abordagem qualitativa e que se baseou no método da entrevista narrativa tridimensional para a realização. As próximas seções apresentarão a revisão de literatura; a metodologia; a trajetórias dos fios e para finalizar com as considerações finais.

2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, serão abordados conceitos que buscam melhor compreensão do tema central sobre a estética do cabelo. Na primeira seção, focalizo brevemente em como o conceito de raça passou a ser visto no Brasil com a contribuição dos estudos de Munanga (2003; 2020), Almeida (2019) e Schucman (2010). Na segunda, trato de como se constrói uma identidade negra, relacionando corpo e cabelo como pontos iniciais para uma (re)afirmação da negritude com a contribuição dos autores Santos (2018), Oliveira e Mattos (2019), Gomes (2019) e Coutinho (2009).

2.1 “Quem acha que raça não existe levanta a mão”

É com esse recorte de fala do minicurso sobre Raça realizado na semana da Consciência negra no ano de 2018 no campus Bagé da Universidade Federal do Pampa - Unipampa, pelo movimento negro jovem Enegrece¹, que início, para trazer alguns conceitos sobre raça. O movimento negro Enegrece teve início logo após uma roda de conversa sobre vivências negras que aconteceu na Unipampa e depois continuou com encontros em locais públicos pela cidade de Bagé. Apesar de ter iniciado com membros de dentro da universidade, o movimento não era vinculado à instituição.

A palavra raça vem do latim **ratio** que significa categoria. Logo, dividir algo em raças é categorizar. No âmbito biológico é utilizada para classificar as espécies de seres vivos. A partir do século XX, pesquisadores das ciências biológicas e genéticas concluíram em seus estudos que raça não faz parte do âmbito biológico, pois independente da cor e tonalidade da pele não possuímos marcadores genéticos, portanto sem diferenças suficientes para classificarmos em raças. (SCHUCMAN, 2010)

E de acordo com Munanga (2003),

[...] o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A

¹ O movimento negro jovem iniciou com os encontros em locais públicos dos jovens Kiim Paz, Andresa Xavier, Jovana Fontes, Igor Paz, Tiago Silva e Rosiméri Goulart (eu). De 2019 até o momento se encontra desativado.

raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é natural, é de fato uma categoria etno-semântica. De outro modo, o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra, etc. Por isso que o conteúdo dessas palavras é etno-semântico, político-ideológico e não biológico.

O Brasil é um país miscigenado. A diferenciação entre negros e brancos acontece pelo fenótipo ou seja pelos traços físicos (cor, tonalidade, tipo de cabelo), que quanto mais negroides mais discriminados são perante a sociedade racista brasileira. O racismo aqui portanto não chega as pessoas brancas que tenham descendência afro ou nativas como acontece nos EUA, pois é a cor da sua pele que determina se você será classificado como negro ou não.

Para Almeida (2019), a raça é uma “relação social” que ocorre dentro de uma estrutura social. Assim o racismo é estrutural, pois se alimenta em uma sociedade baseada na desigualdade sistemática de grupos determinados por sua raça. Almeida enfatiza que entender o racismo como parte da estrutura não nega a responsabilidade de atos racistas individuais pois “A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas”. (ALMEIDA, 2019, p. 52)

Logo, raça existe no âmbito sociocultural brasileiro delimitando espaços e ditando comportamentos desde o momento que existe uma supremacia branca que ainda inferioriza e marginaliza tudo que foge do seu padrão. A raça é um ponto de partida não só para a diferenciação de grupos, mas também como um ponto inicial para nosso fortalecimento (pessoas negras). Resignificar o modo que nós vemos com todas nossas riquezas de traços e formas negróides nos fortalece e nos faz (re)existir naquilo que eles tentaram apagar.

2.2 Corpo e cabelo na identidade negra

Um corpo dito como aceito sempre foi negado ao negro desde a chegada da exploração no continente Africano. Kabengele Munanga relata, no seu livro *Negritude: Usos e sentidos*, as diferentes formas dos colonizadores justificarem suas atrocidades baseadas em afirmações idealizadas de que o negro, com suas especificações distintas do europeu, não possuíam alma, portanto não eram dignos

de representação humana, assim possibilitando aos colonizadores o poder de controle desses corpos, criando uma subjetividade embasada no ser inferior, algo que precisava ser domado, domesticado.

Santos (2018) traz em seu estudo os mitos criados sobre o corpo negro através do embranquecimento da sociedade brasileira na tentativa de apagar a estética e cultura negra. A imprensa negra² e o Teatro Experimental do Negro (TEN) fundado no ano de 1944 junto com o Movimento Negro Unificado (MNU) que teve início no ano de 1978, surgiram não só com o cunho político, mas também para reforçar a estética negra e (re)existir, rompendo com os padrões brancos. Santos também relata sobre a sua construção como homem negro relacionada ao cabelo e a importância de seu pai como uma referência de como “Tornar-se negro” (SOUZA, 1983).

Como construir uma autoimagem positiva, quando tudo que é visto como aceitável e belo é distanciado do que você é/se vê? Perante uma sociedade racista e sexista, os traços que se aproximam da estética branca europeia são considerados como padrão aceitável, digno de admiração, e tudo aquilo que se distancia, diferencia-se, vai do exótico para o disforme. Os traços negróides são cheios de formas, curvas, tamanhos, grossuras e tons, tudo aquilo que falta no considerado padrão. Enquanto muitas mulheres de classe alta mudam seus corpos para obter faturas em lugares não naturais para elas, algumas mulheres pretas buscam se enquadrar na tentativa, mudam o traço que conseguem pagar: o cabelo. Como Silva (2017, p. 84) nos relata,

[...] dentro do discurso proferido no movimento negro no Brasil, o cabelo funciona como signo de uma linguagem social, uma identificação racial, uma parte do corpo que revela a essência e a concepção sobre o *eu* de uma *identidade* negra esse traço ainda tende a ser rejeitado quando não se insere nos padrões de uma sociedade estruturada nas bases do racismo. Padrões esses que interferem no olhar individual e impõem modos de agir. Aparência pessoal e auto imagem tem um efeito tremendo atualmente em vários aspectos de nossas vidas.

Muitas mulheres fazem procedimentos químicos em seus cabelos, alisamento, relaxamento, permanentes... Algumas por razões profissionais, pois muitas empresas se baseiam na aparência (traços eurocêtricos), para contratar, e outras por estética pessoal. Com isso acabam se distanciando de algumas

² A imprensa negra é a expressão para várias publicações de revistas e jornais nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas e Sorocaba com início no século XIX logo após a abolição com pautas sobre preconceito racial e cultura negra.

características que fazem parte de um corpo negro, na tentativa, consciente ou não, de uma aceitação nessa sociedade construída a base do racismo. No entanto, mudar o cabelo não é suficiente para ser considerado dentro do padrão para os racistas, e constantemente o corpo negro continua sendo inferiorizado e marginalizado, igualado ao negativo. “O fato de não poder ser aquilo que quer, nem tampouco aquilo que exigem causa uma crise existencial, uma não aceitação que se repete nos discursos de muitas mulheres negras”. (SILVA, 2017, p. 84)

A identidade não se dá de forma isolada, o indivíduo precisa do outro para contrapartida. E partindo dessa consciência das diferenças entre “nós” e “outros”, Munanga (2020) afirma que o grau dessa consciência não é o mesmo para todos os negros, considerando as diferenças dos contextos socioculturais em que vivem.

A construção da identidade negra não se isola da luta dos outros grupos oprimidos. Munanga (2020) entende que o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade, portanto a busca dessa se inicia pela afirmação dos traços físicos da sua negritude para depois atingir traços psicológicos, culturais, intelectuais, mentais e morais. A partir do momento em que o negro retoma seus traços para si, (re)existe e fortalece uma identidade, sua negritude. Retomar no sentido de ver seu corpo como belo, como um corpo válido de amor e respeito na forma que é, e não no modo de inferior como os racistas impõem.

Para Oliveira e Mattos (2019), a identidade não é inata e sim algo produzido socialmente, e seus processos são formados pelo contexto histórico e cultural. Logo as diferentes formas de se entender como um indivíduo negro vai depender de quais pontos em seu convívio social os afeta, influenciando no modo como o indivíduo se vê e se projeta a partir do outro. Oliveira e Mattos (2019, p. 447) trazem em seu estudo que “A formação das identidades de mulheres negras é atravessada pela maneira como seus cabelos são percebidos, colocando-as em diferentes lugares à medida em que modificam o cuidado e sua relação com os mesmos”.

Segundo Gomes (2019, p. 2)

O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos.

Como podemos ver, o cabelo está relacionado não só como forma estética de beleza, e sim também como símbolo de resistência, é um dos traços iniciais para a

auto afirmação enquanto pessoa negra, fazendo parte da construção de sua negritude.

Coutinho (2009) entende como estética negra conceitos e juízos de beleza baseados nas características dos negros. A autora, no texto *A estética negra em Salvador (1996 - 2005)*, nos deixa um questionamento sobre o aproveitamento do mercado no crescimento da busca pela reconstrução da estética negra com o consumo de produtos destinados a esse grupo, tornando ser negro hoje em dia uma moda. Até que ponto os consumidores desta moda, destes produtos, estão conseguindo construir uma consciência do que é ser negro no Brasil?

Trazendo essa questão de Coutinho (2009), para os dias atuais, o movimento de assumir os cachos/crespos está em alta, indústrias de cosméticos para cabelos estão a cada dia inovando com produtos específicos para cabelos afros e com a ajuda de propagação de influenciadores, chegam até as mãos (celulares) de diversas mulheres negras (com acesso a internet). O momento das cacheadas e crespas passando pela transição capilar aumenta cada vez mais, isso é possível acompanhar quando passamos pelas ruas e vemos mais jovens assumindo seus cabelos naturais. Esse movimento chegou para algumas pessoas brancas também, que por muito tempo escondiam seus cabelos quando as aproximavam de uma estética negra. Assumir os cachos não é só algo político, como para muitas militantes negras, atualmente é visto como também estar na moda. Mesmo com esse crescimento de produtos específicos o cabelo afro em corpo negro ainda é mal visto. Enquanto em um corpo branco é considerado lindo e estiloso, no negro quando não está no momento de divulgação de alguma marca, continua sendo visto como mal cuidado e descabelado.

2.3 Diferentes contextos identitários

Pensar em cabelo é também pensar na construção da identidade. No caso da mulher negra, construir sua identidade entra em conflito com o “outro” aceitável e o seu semelhante que luta para construir coletivamente uma imagem positiva reforçando seus traços que foram negados por muito tempo. O “outro” a que me refiro aqui é a supremacia branca que ainda hoje dita o que é belo e certo, dominando os “meios de produção, mídia, os lugares de poder, a informação e a escolarização” (GOMES, 2019, p. 155). Ainda, segundo Gomes,

[...] por mais que a comunidade negra desenvolva, historicamente, estratégias de resistência e de combate ao racismo e a discriminação racial, tenho de admitir que a formulação de um olhar “desencontrado” do negro em relação a si mesmo, a sua raça e a sua cultura invade os espaços sociais frequentados por esse sujeito, o que implica, muitas vezes, para o negro e para a negra, uma aceitação parcial do conteúdo da proposição racista e a rejeição a história inscrita no seu corpo. E mais, esse processo pode resultar na rejeição de elementos do corpo que passaram a ser considerados como os que mais atestam o pertencimento à raça negra. Desses, os principais são a cor da pele e o cabelo. (GOMES, 2019, p.155-156)

Quando a mulher negra tenta se aproximar daquilo que é visto como belo, visto como aceitável pela supremacia branca acaba, muitas vezes se distanciando de aspectos, traços que apontem sua pele negra. Isso acaba sendo transferido para seu discurso também, em que muitas mulheres/meninas diferem palavras negativas em relação aos seus cabelos, traços negróides e seus semelhantes, reforçando um discurso que racistas utilizam para nos inferiorizar/ desmistificar.

O diferente contexto sociocultural que Munanga (2020) retrata na diversidade de construção da identidade negra vai ao encontro de Gomes (2019), que relata sobre a perspectiva do negro contemporâneo, em que “o acesso as possibilidades de consumo, as múltiplas experiências, o contato com diferentes e diversas referências estéticas variam de acordo com a localização geográfica e política dos sujeitos.” Portanto, o modo como é construída a percepção do que é ser negro no Brasil vai ser diferente para quem vive em uma metrópolis, no interior, no meio rural e/ou urbano, todas as localidades têm contato e experiências de conflitos raciais, mas a percepção e o modo de reação a isso será diferente em cada indivíduo.

No próximo capítulo, falaremos sobre a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa.

3 METODOLOGIA

A abordagem utilizada neste trabalho foi de pesquisa qualitativa e para coleta de dados foi aplicado o método da entrevista narrativa tridimensional, pois entendemos que a pesquisa narrativa é uma forma de compreender a experiência (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 51).

Partindo da compreensão de experiência como histórias vividas e narradas, a pesquisa narrativa se estrutura na intencionalidade de compreender e interpretar as dimensões pessoais e humanas para além de esquemas fechados, recortados e quantificáveis. (MARIANE; MATOS, 2012, p. 663, grifo nosso).

Buscamos conhecer as histórias e vivências de mulheres negras através de suas narrativas, entender como a estética do cabelo faz parte de seus trajetos de vidas e identificar as diferentes formas de apresentar seus cabelos e como isso as afeta. Neste intuito, "a pesquisa narrativa revela as memórias, os acontecimentos que marcaram a trajetória de vida das pessoas e suas vivências comunitárias, narrativas das quais emergem identidades e pertencimentos." (JACINTO, 2019, p. 30). Com isso, pensando nas histórias em movimento que relacionam o "eu" com o "outro", em diversos momentos na vida e lugares que a participante percorreu foram feitos questionamentos que relacionam esse espaço tridimensional que a pesquisa narrativa se baseia: interação (pessoal e social), tempo (presente, passado e futuro) e o lugar (onde).

Para essa pesquisa ser realizada os dados foram coletados a partir de entrevistas gravadas por áudios com a finalidade de compreender como os diferentes tipos de cabelos influenciam na auto aceitação das mulheres negras. Por estarmos a 2 anos enfrentando uma pandemia pelo Coronavírus optamos por manter o nível de segurança entre a pesquisadora e as participantes, desta forma as entrevistas foram realizadas de forma assíncrona/remota, por meio de conversas gravadas por áudios via *Whatsapp*. Foi a partir das minhas experiências como mulher negra, pobre que vive numa cidade conservadora, racista e sexista que é Bagé, interior do Rio Grande do Sul que foi delimitado o grupo de mulheres convidadas a participar desta pesquisa. Portanto as participantes mantêm o perfil de mulheres negras que utilizam de formas diferentes seus cabelos, com idades diversificadas e mantêm interligações entre amigos próximos e conhecidos, todas já ou ainda tem vínculo com a instituição de ensino superior Unipampa, assim como eu

(pesquisadora), lugar onde me permiti conhecê-las.

Entendemos que pesquisar sobre uma vivência é vivenciá-la simultaneamente, desta forma a narrativa nos proporciona um espaço de colaboração entre pesquisador e participante, que não seria possível de outra maneira. “Trabalhar nesse espaço significa que nos tornamos visíveis com nossas histórias vividas e contadas. Às vezes, isso significa que nossas histórias sem nome, e talvez secretas, vêm à luz assim como aquelas de nossos participantes” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 98). Por entender que falar sobre memórias pode muitas vezes ser difícil, buscamos selecionar participantes que já partilharam alguma vivência e já tenham partilhado alguma conversa sobre questões raciais comigo/pesquisadora. Como forma de criar um certo espaço de segurança para as mesmas/para ambos os lados.

Na entrevista havia um total de 8 perguntas narrativas objetivando alcançar os pontos: interação, tempo e lugar. As perguntas foram iniciadas pela apresentação dos nomes, idades, o que a participante gosta de fazer e o que faz no momento. Depois para tentar manter um segmento cronológico, foi feita uma pergunta sobre sua relação com o cabelo na infância, logo depois como seria a relação com o cabelo atualmente para verificarmos as diferenças que podem ter ocorrido e como esse relacionamento da participante com o seu cabelo as afeta/afetou se modificando ou não por esse tempo, também foi realizada uma pergunta sobre o ambiente de trabalho na cidade de Bagé assim possibilitando averiguar a diversidade de mulheres negras encontradas nesse âmbito e como seria o tipo de cabelo “selecionado” para esses ambientes. Para finalizar foram feitas perguntas em relação a quais referências artísticas e pessoais as participantes teriam quando o assunto é cabelo, para compreendermos quais correlações são feitas por essas mulheres negras em suas vivências. A seguir as perguntas que foram realizadas nas entrevistas:

Tabela 1 - Informações com as perguntas das entrevistas

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none">1. Apresentação (nome, idade, o que gosta de fazer, o que faz)2. Como é ser mulher negra na cidade de Bagé?3. Como era seu cabelo na infância e como era sua relação com ele nessa época?4. E agora como está a relação com seu cabelo? Mudou algo durante esse |
|--|

processo?

5. Quando você se olha no espelho, como você vê seu cabelo? Mudaria algo? Por quê?

6. E no ambiente de trabalho aqui em Bagé, o tipo de cabelo influencia nesse momento?

7. Acompanha artistas que usam o cabelo como temática em suas áreas?

8. Existe alguém que você tem como referência?

Fonte: Autora (2021)

Antes das entrevistas serem realizadas, as participantes preencheram de forma online um formulário com o Termo de consentimento (APÊNDICE A) de uso dos dados da entrevista. O formulário iniciava com um breve texto introdutório para explicar do que se trata esta pesquisa, evidenciando a busca de compreender a relação das mulheres negras e seus cabelos. Também apresentou a opção, para as participantes que não gostariam de ser identificadas, de escolher um pseudônimo para serem tratadas/identificadas na pesquisa.

3.1 Participantes da pesquisa

As participantes desta pesquisa são mulheres negras que pude conhecer através de interligações com pessoas pretas na Unipampa, em meio a rodas de conversas sobre questões da população negra, colegas de curso e amigos. Todas as participantes se auto identificam como mulheres negras que já passaram e/ou ainda passam por modificações em seus cabelos. O convite para cada participante fazer parte da pesquisa, assim como a própria entrevista, foi feito via *WhatsApp*, por meios de segurança para mantermos o distanciamento, visto que ainda estamos enfrentando mais um ano pandêmico (Coronavírus) e para melhor encaixar nos horários pessoais de cada participante e pesquisadora. As entrevistadas são mulheres negras de diferentes idades, áreas de atuação e estética de cabelos. Foram realizadas 3³ entrevistas, sendo que das 3 mulheres entrevistadas somente 1 não quis ser identificada, portanto escolheu o pseudônimo de Lupita. A seguir uma breve apresentação de cada participante:

³ Houve uma 4ª entrevista com uma mulher trans inicialmente (quando a conheci em 2018) se identificava como mulher negra, porém ao analisar os dados ela se declara como uma mulher branca por isso esses dados não foram analisados para fins dos objetivos deste trabalho.

Lupita

24 anos, professora de Inglês e Espanhol em escolas públicas do estado. Lupita mantém seu cabelo liso, pois é dessa forma que se sente confortável e bem consigo mesma. Ela fala bastante sobre como seu cabelo influencia diretamente na sua autoestima, com isso busca mantê-lo na forma que mais se sente bem. Lupita também mostra uma admiração enorme por suas amigas que passaram pela transição para deixar o cabelo natural e percebe uma força enorme que elas passam com seus cabelos assim.

Kimberly

25 anos, artista militante que atua também como maquiadora, dreadmaker e trancista. Kim trás em sua fala pontos sobre sua relação com o cabelo evidenciando o quanto ele (cabelo) faz parte de sua construção da identidade não só como um indivíduo mas também como uma mulher negra. Seu cabelo black power é como sua arma de auto afirmação, é sua “extensão de ser” de resistir e afirmar sua identidade negra.

Luciana

48 anos, policial militar da reserva remunerada, mãe e estudante de Letras. Manteve seu cabelo alisado por muito tempo, atualmente mantém seu cabelo cacheado natural e curto. Quando se trata da relação pessoa cabelo ela tem como referência seu filho que de forma versátil e criativa performa seu cabelo em diferentes formas (tranças, tamanhos, definição, volume), mantendo uma boa relação com seu cabelo.

No próximo capítulo, contaremos o que compreendemos da trajetória dos fios das mulheres negras e o que refletimos a partir dessas narrativas.

4 CONHECENDO AS TRAJETÓRIAS DOS FIOS

As entrevistas das participantes foram gravadas assincronamente, via WhatsApp, posteriormente transcritas (APÊNDICES B, C e D). Para organização da análise, consideramos os aspectos de tempo (presente, passado e futuro), interação (pessoal e social) e o lugar (espaço) da narrativa tridimensional (CLANDININ; CONNELLY, 2015), buscando alcançar os objetivos deste trabalho e responder a questão norteadora desta pesquisa: Como a estética do cabelo influencia na construção do autoconhecimento/auto aceitação da mulher negra?

Para isso, a análise foi dividida em duas sessões: na primeira intitulada “Tranças, nós e desembaraços”, trouxemos os pontos convergentes e divergentes entre as vivências das entrevistadas, intercalando com experiências pessoais minhas (autora), entendendo que a narrativa tridimensional nos possibilita esse diálogo entre participante e pesquisadora, e finalizamos com um fragmento representativo das entrevistadas sobre os temas. Cada temática segue a ordem das perguntas (tabela 1) realizadas nas entrevistas. Ordem essa na tentativa de manter uma cronologia e melhor visualizar as memórias e construção identitária das participantes. Na segunda sessão “Problematizações e afins”, trouxemos excertos relacionando e dialogando com as teóricas Gomes (2019), Oliveira e Mattos (2019), Coutinho (2009) e os teóricos Munanga (2020), Santos (2018), para melhor entendermos como a estética do cabelo influencia na construção do autoconhecimento/auto aceitação da mulher negra.

A seguir, encontra-se a primeira sessão da análise dos dados.

4.1 Tranças, nós e desembaraços

Mulher negra

Logo depois da apresentação das entrevistadas, foi feita a primeira pergunta de como é ser uma mulher negra na cidade de Bagé. Kimberly relata bastante como se sente deslocada, por mais que saia grandes frentes na luta da resistência negra aqui no Rio Grande do Sul ainda é muito difícil, pois o estado está sempre nos (mulheres negras) deixando a mercê da situação. Luciana fala que só foi entender que toda a diferenciação de seu corpo no trabalho perante as outras mulheres brancas, era racismo, onde só percebeu quando entrou na faculdade, pois até então

ela se via *“tranquila numa situação de tranquilidade de não racismo”*. Lupita não respondeu essa pergunta.

“[...] na sociedade bageense a gente é olhada vista com um olhar diferente com o olhar o que objetifica ou que discrimina.” (Luciana, 2022, grifo nosso)

Infância

Meu cabelo sempre fez parte da minha construção de identidade, desde o momento de me entender como indivíduo. Lembro da história que minha mãe sempre conta para as visitas, de quando nasci. Uma tia de meu pai ao me conhecer logo na saída do hospital comentou que eu não poderia ser filha legítima de meu pai pois eu tinha nascido com o cabelo liso. Meu pai, homem negro de cabelo crespo, logo não era possível ter uma filha também negra de cabelo liso. Alguns dias depois desse comentário, caiu todo o meu cabelo e com o tempo nasceu um novo idêntico ao cabelo crespo do meu pai. O cabelo aceito como “bom” não é visto como também pertencente ao povo preto. Assim como muitos pontos da cultura negra, o cabelo afro é categorizado como algo ruim e por muito tempo escutei que meu cabelo era algo que precisasse ser domado, alinhado...alisado. Minha mãe e eu não tínhamos conhecimento de como cuidar nossos cabelos naturais, pois assim como eu, sua mãe cortava seu cabelo bem curtinho por não saber lidar com o seu natural. Passei a infância esperando o momento em que teríamos condições financeiras o suficiente para eu alisar meus cabelos, assim como todas as outras meninas da minha escola. Esse processo que por muitas vezes é dolorido para muitas meninas se repete em diversas famílias.

Desde a infância, eu convivo em meio a histórias de cabelos “ruins”, e sempre eram momentos de tensão toda vez que chegava o horário de se arrumar para sair ou ir a escola. A dor de uma escova/pente de cabelo se misturava com a angústia da espera do tempo passar logo e chegar no momento que todas falavam que chegaria: o alisamento. Muitas meninas negras mantinham seus cabelos do mesmo modo bem curtinhos, presos/amarrados, trançados durante toda sua infância por nossas mães não terem conhecimentos para saber nos ensinar a amar nossos cachinhos e crespinhos como eram. Um aspecto marcante em todas as entrevistas realizadas com as participantes desta pesquisa: todas em algum momento quando crianças passaram pela fase de manter seus cabelos naturais presos ou curtíssimos até o

momento das mães permitirem que elas alisassem seus cabelos. Todas enfatizam em como suas mães determinavam seus tipos de cabelos durante a infância. Mesmo com uma diferença de quase 25 anos entre as entrevistadas mais jovens e a mais velha, essa experiência social, quase um ritual de passagem da menina para mulher se repetiu.

“[...] na época eu não tinha conhecimento né nem eu nem a minha mãe então a gente não tinha esse conhecimento de como arrumar o meu cabelo do que fazer pro meu cabelo ficar do jeito que eu gostasse.” (Lupita, 2022, grifo nosso)

Relação atualmente

Falar sobre nossos cabelos nem sempre é uma tarefa fácil. Por muito tempo me senti acanhada de falar para outras pessoas como eu me sentia em relação ao meu cabelo natural. Ainda me sinto de certa forma, pois estou a uns 6 anos desde a última química alisadora e ainda não consigo manter minha autoestima alta por um longo tempo, quando não estou com o meu cabelo trançado. Lupita nos conta sobre isso, como seu cabelo liso lhe faz se sentir confortável e bem consigo mesma, pois acredita que não consegue manter seu cabelo natural em função dos traumas criados durante a infância em relação ao seu cabelo natural. Por estar há muito tempo com ele alisado, não se recorda mais como era seu cabelo natural. Kimberly, por outro lado, reafirma o quanto seu cabelo black é uma de suas fontes de força, é sua arma para resistir a esse mundo racista, sua autoafirmação. Luciana há pouco tempo cortou seu cabelo para passar pelo processo de transição capilar e dessa forma se sente completa com ele. O cabelo é algo diretamente ligado a como nós mulheres negras queremos nos mostrar para o mundo. A forma que cada mulher negra escolhe para seu cabelo vai estar ligada a como cada uma reage a essa pressão racista sobre seus fios, como a construção de um padrão estético branco interfere no tempo que cada uma leva para manter sua autoestima elevada.

“Agora eu amo o meu cabelo, eu tive com ele liso já estive com ele muito comprido, muito cacheado e agora eu cortei mais ou menos um ano atrás eu cortei pra fazer a transição né do liso pra retornar meu cacheado e eu amo meu cabelo me vejo completa com ele.” (Luciana, 2022, grifo nosso)

Espelho

Quando a palavra espelho é tratada e questionadas se mudariam algo em seus cabelos atuais, logo a questão tamanho se destaca, todas as entrevistadas gostariam de ter seus cabelos mais compridos. Lupita ressalta que por mais que seu cabelo tenha quebrado e ressecado por decorrência de muitas (des)colorações e alisamentos, vai manter seu processo de alisar os cabelos, pois é dessa forma que se sente bem consigo mesma. Diferentemente de Luciana, que há pouco tempo cortou seus cabelos para passar pelo processo de transição capilar e diz não querer mais alisar, pois já esteve por muito tempo com o cabelo alisado e assim não sente mais a falta. Kimberly gostaria de ter seu cabelo tão grande para chegar no “rolê” e todos admirarem o tamanho do seu cabelo. Hoje em dia ela mantém uma relação saudável com o mesmo, pois aprendeu a amar e respeitar seu cabelo e a história que ele carrega.

“[...] a única coisa que eu mudaria nele hoje em dia é o tamanho porque eu aprendi a respeitar e amar meu cabelo com muita força então hoje em dia eu tenho uma relação muito saudável com ele e respeito muito toda a história que ele carrega.”
(Kimberly, 2021, grifo nosso)

Ambiente de trabalho

Esse tema do ambiente do trabalho sempre foi difícil pra mim. Eu uso tranças desde os meus 15 anos e dos diversos currículos que já entreguei na minha cidade (Bagé), consegui ser selecionada somente duas vezes para chegar até a parte da entrevista de emprego. Quando se é necessário colocar uma foto no currículo, a questão aparência pesa muito na seleção das empresas. Muitas vezes pessoas capazes para devidos cargos são jogadas como meras folhas de rascunho, não lhes dão nem o direito de mostrar que são capazes, porque “não fazem o perfil da empresa”.

Quando questionadas se o tipo de cabelo influencia no ambiente de trabalho na cidade de Bagé, todas as entrevistadas concordaram que de certa forma sim. Mesmo não tendo trabalhado na cidade, Lupita percebe a constante falta de pessoas negras em cargos diretos com o público e cargos superiores, e as poucas

que vê são pessoas negras que usam seus cabelos alisados. Kim nos conta como precisa se adequar para tentar uma vaga de emprego. Precisa “esconder” de certa forma seu black, mantendo o mais discreto possível para então se encaixar ao perfil de alguma empresa. Luciana mesmo estando fora do mercado de trabalho percebe as diferenças que algumas empresas fazem em relação ao cabelo. Empresas mais conservadoras/elitizadas, no caso a grande maioria de Bagé, preferem pessoas que se distanciam do cabelo Black.

Infelizmente o cabelo afro crespo “pixaim” ainda é muito estigmatizado pelos racistas e pessoas negras distanciadas de sua negritude. Ainda é igualado à má higiene, maus cuidados, e isso acaba refletindo muito na hora de pessoas negras com cabelos crespos assim como eu, Kim e muitas outras meninas, de conseguirmos empregos. Muitas acabam entrando novamente na pressão social e voltam a alisar seus cabelos; outras encontram um caminho menos complicado pelas tranças.

“a sociedade não, espera que mulheres negras estejam numa posição de autoconfiança tão forte ao ponto de amarem seus cabelos, ao ponto de botar seus cabelos pra cima” (Kimberly, 2021, grifo nosso)

Artistas que usam o cabelo como temática

Atualmente, o número de influenciadores pela internet cresce a cada momento, e muitas pessoas negras falando sobre questões que vão da estética, cuidados, dia a dia ao pensamento crítico político crescem também, e isso aumenta/mantém um fluxo de informações que era mais difícil antigamente. Para Kim é muito importante que haja cada vez mais pessoas negras que tratam sobre questões dos nossos cabelos, pois assim cada vez mais pessoas pretas se sentirão confortáveis de falar sobre os seus anseios e dúvidas em questão de cuidados de seus cachos e crespos e verão que não estão sozinhas.

Lupita por manter seu cabelo liso, acabou se sentindo um tanto pressionada nas vezes que acompanhou artistas negros que têm o cabelo como pauta, como se fosse obrigada a manter seu cabelo natural, por isso prefere não saber muito sobre essas questões, já que o que lhe faz sentir bem é se ver com o seu cabelo liso.

Luciana cita alguns nomes de artistas que acompanha, como: “Taís Araújo, Beyoncé, Iza, Raul Paul, Diana Ross, Sandra de Sá, Carlinhos Brown.”

“Sim e acho muito importante que essas pessoas continuem fazendo seus trabalhos e levando a frente esse processo de construção da sua identidade através do cabelo e continuem falando sobre isso pra que outras pessoas se identifiquem olha, pensa e olha oh não sou só eu outras pessoas negras estão passando pelo mesmo processo de identificar o nosso cabelo.” (Kimberly, 2021, grifo nosso)

Referências negras

Como referências negras, as meninas trazem pessoas próximas ao seu convívio e também artistas que falam sobre cuidados do cabelo afro. Luciana traz como referência o seu filho mais velho, que de forma leve performa seu cabelo cacheado em diversos modos, mantendo uma relação saudável com o mesmo. Lupita fala da admiração que tem por seus amigos que utilizam seus cabelos naturais e a força que eles começaram a demonstrar depois que assumiram seus cabelos crespos e cacheados. Já Kim tem muitas pessoas como referência e também é referência para outras pessoas. Uma das primeiras que a ajudou no processo de transição capilar foi a influenciadora Nataly Neri pelo seu canal no Youtube, que fala sobre cuidados da pele e cabelo negro. Com o movimento de deixar seu cabelo natural, Kim também influenciou sua mãe e irmão a deixarem seus cabelos naturais. Isso a deixou muito feliz, pois foi uma forma de perceber o quanto podemos nos enxergar uns nos outros.

As referências negras que cada entrevistada nos relata aqui, nos mostra a diferença de como cada uma constrói sua ideia de cuidado, força e beleza dos seus cabelos. Mesmo vivendo na mesma cidade, cada entrevistada construiu uma ideia diferente de como usar seus cabelos e em quem se espelhar para ajudar nessa questão. Isso nos mostra como cada indivíduo a partir de suas vivências concebe sua identidade através do outro.

“[...] ele tem uma relação muito legal com o cabelo ele consegue criar performar o cabelo e sem apego sendo apegado se é que tu me entende assim ele tem uma versatilidade com o cabelo incrível isso me atrai e faz com que eu tenha ele como

uma referência legal na minha vida de pessoa que tem uma boa um bom relacionamento com o cabelo.” (Luciana, 2022, grifo nosso)

4.2 Problemáticas e afins

O cabelo é um fator importante na construção da autoestima da mulher negra, como podemos ver nas falas das entrevistadas.

“[...] na época eu sofria muito bullying por outras coisas e o meu cabelo ele dava hã como é que eu vou dizer? ele me incomodava também então tudo isso juntou né tudo isso eu já tinha uma auto estima muito baixa então tudo isso juntou e acabou que afetou muito a minha autoestima até hoje com o meu cabelo natural então ainda hoje eu não consigo utilizar o meu cabelo natural.” (Lupita, 2022, grifo nosso)

“eu acho que o processo que eu estive com o cabelo alisando ele acabou apagando muito da minha individualidade e quando eu consegui assumir/identificar meu cabelo eu tive a possibilidade de construir uma identidade, de construir uma identidade não só como uma mulher negra mas como indivíduo.” (Kimberly, 2021, grifo nosso)

“Agora eu amo o meu cabelo, eu tive com ele liso já estive com ele muito comprido, muito cacheado e agora eu cortei mais ou menos um ano atrás eu cortei pra fazer a transição né do liso pra retornar meu cacheado e eu amo meu cabelo me vejo completa com ele.” (Luciana, 2022, grifo nosso)

Oliveira e Mattos (2019) falam no seu estudo sobre como a forma como o cabelo da mulher negra é visto irá ditar os diferentes lugares que essas mulheres chegarão, interferindo diretamente na construção de suas identidades e na forma que se mostram para o mundo/social. Kimberly enfatiza o quanto passar pela transição e manter seu cabelo natural a ajudou a construir uma identidade como indivíduo. Por um tempo, ter o cabelo liso manteve Kimberly distante do que ela é hoje, distante da identidade negra com que ela se conforta em mostrar atualmente com o seu cabelo black. Para Lupita, ter o cabelo liso é o que a faz se sentir ser a mulher negra que ela é/se vê. Mesmo ainda não se sentindo confortável com seu

cabelo natural, esse aspecto não diminuiu sua forma de se identificar como mulher negra. Luciana, depois de concluir seu tempo de serviço na polícia militar, onde era regra mulheres terem seus cabelos discretos (sempre amarrados), se sente agora completa por poder usar seu cabelo natural curto e da forma que se sentir melhor.

“meu cabelo acaba se tornando uma arma pra vestir esse personagem militante né pra me auto afirmar, pra me sentir respeitada em determinados lugares, meu cabelo faz totalmente parte disso então eu já tive dread, uso trança corriqueiramente, faço altos penteados no cabelo mas gosto sempre de voltar pro black porque eu acho que dentro dessa minha persona militante ele faz com que eu...ele me apoia sabe ele me ajuda a me auto afirmar nos espaços então hoje em dia é uma relação de muito respeito sobre quem esteve aqui antes de mim e respeitou seu cabelo...” (Kimberly, 2021, grifo nosso)

O cabelo faz parte da construção da identidade negra em diversos aspectos. Quando se trata de mulheres negras, a pressão social no tipo de cabelo acaba sendo maior, pois além do peso de gênero entram questões como idade, meio social, ambiente de trabalho e financeiro para alcançar o tão desejado cabelo. Mas qual seria o cabelo ideal?

Nas entrevistas, conseguimos observar que os diferentes tipos de cabelos podem influenciar em como as mulheres negras se veem e se expressam para o mundo. Mulheres negras com cabelos blacks, curtos, alisados...que na forma que escolhem usar seus cabelos se sentem livres para trançar, prender, pintar, cortar na forma que quiserem até o momento que algo na sociedade as fazem se desfazer. O corpo negro desde o momento que foi retirado do continente africano e trazido para cá para ser escravizado, foi destituído de si, negado e domado pelos colonizadores. Quando pensamos em como a moda, estética social no Brasil é construída, podemos perceber que muito das afirmações idealizadas sobre o corpo negro pela supremacia branca ainda ocorre, algumas vezes de formas mais explícitas do que outras. O discurso proferido por mulheres negras que ainda veem seus cabelos naturais como algo ruim está interligado com essa imagem negativa que uma sociedade construída à base do racismo impõe.

Trabalhando como trançista, é possível ainda perceber muito dos discursos de algumas clientes que falam de como são vistas quando estão com seus cabelos

naturais, principalmente as meninas/mulheres crespas, e como isso as incomoda ao ponto de muitas não saírem de dentro de casa quando estão com seu natural sem as tranças. Dessa forma, muitas acabam reproduzindo aquelas dolorosas palavras “cabelo ruim”, “difícil de lidar”, “feio”, “cabelo duro”, que acabam reforçando os discursos que muitos racistas usam para diferir nossos traços negróides do que é visto pela supremacia branca, como belo. Todas as vezes que isso acontece é um peso para mim, tento não me deixar envolver com essas palavras e então procuro sempre conversar sobre os cuidados e o quanto nosso cabelo crespo é lindo da forma que é.

Atualmente existem muitas blogueiras e influencers transmitindo seus processos de transição e cuidado capilar, muitas são patrocinadas por marcas, e isso pode ajudar muito quem está passando pelo processo de transição e ainda não conhece muito os cuidados necessários para seu tipo de cabelo. Kimberly encontrou no meio digital uma forma de se ver no outro e se fortalecer e conhecer cuidados para seu tipo de cabelo crespo.

“o primeiro contato que eu tive com o meu cabelo de deixar ele crescer foi através da internet, eu conheci que alguns pessoas que trabalhavam com youtube, alguns youtubers que cuidavam do próprio cabelo que valorizavam seu cabelo entendi que aquele que aquilo era um processo muito mais profundo do que eu imaginava e comecei a criar debates através da minha identidade, através do meu cabelo pra entender a minha identidade, pra entender de onde eu vinha, como eu vinha e eu acho que uma das pessoas que me influenciou ela não estava perto porque as pessoas que eu convivia na época que eu passei pela minha transição elas nenhuma ou não eram pretas ou não ainda não haviam passado por esse questionamento de deixar o cabelo natural de valorizar as suas raízes então eu acabei me influenciando muito pela Nátaly Neri.” (Kimberly, 2021, grifo nosso)

Os discursos sobre como manter o cabelo natural perfeito pode ser “ameaçador” para algumas mulheres negras, passar pelo processo de transição é muitas vezes doloroso e demanda tempo, tempo demanda paciência para saber lidar com os seus diferentes modos de ser e se conhecer. Quando o assunto é manter seu cabelo natural muitas de minhas clientes não se sentem confortáveis para assumir e acabam reproduzindo discursos que inferiorizam seus próprios

corpos (cabelos).

“[...] quando eu consegui deixar o meu cabelo natural eu comecei a ler bastante sobre isso e eu lembro que na época eu me pressionei muito pra pra deixar sabe era como se eu fosse obrigada a isso eu tinha que fazer isso por mim mesma e aí isso me acabou me deixando mais traumatizada eu acho porque eu não entendia que eu podia deixar o meu cabelo liso e isso não ia ser uma coisa tão ruim pra mim mesma que simplesmente eu não me aceitava com o cabelo natural eu não gosto eu não me sinto confortável então eu acho que até hoje eu não consigo sabe trabalhar muito essas questões ver muito sobre isso ler sobre isso acompanhar falas sobre isso.”
(Lupita, 2022, grifo nosso)

Muitas meninas negras que mantêm seus cabelos lisos podem passar pela pressão do natural “perfeito”. Gomes (2019, p. 212) nos alerta para essa questão, pensar no alisamento somente como fator de distanciamento da identidade negra “revela inflexibilidade, intolerância e a negação do direito à escolha.” Quando só reconhecemos uma única forma de se reconhecer como negro, corremos o risco de deixar de lado todo contexto histórico cultural de um “estilo de o negro usar o cabelo, construído dentro de um sistema opressor” (GOMES, 2019, p. 213). Deixando, assim, de certa forma, de lado uma das diversas formas estéticas que podemos encontrar na cultura negra. Coutinho (2009) traz a questão de como o mercado de produtos destinados a cuidados afros, especificamente o cabelo, está ajudando/interferindo na forma de como se reconhecer negro no Brasil, com o crescimento desse movimento de assumir seu natural (cachos e crespos).

Manter contato com outras diversas mulheres negras, compartilhar conhecimento e sentimentos é algo enriquecedor que nos ajuda a entendermos o outro e nos conhecermos melhor. Munanga (2020) fala que o “grau de consciência” para formar uma identidade negra vai ser diferente para cada indivíduo negro, conforme suas vivências, considerando os contextos sociais (coletivo), culturais e históricos, mantendo o diálogo entre o “eu” e o “outro”, assim como Oliveira e Mattos (2019), que reforçam que a construção da identidade da mulher negra é atravessada pelo seu tipo de cabelo. Podemos ver alguns desses pontos nas entrevistas: quando Lupita fala sobre uma de suas amigas (identificada aqui como D.), que ela tem como referência:

“[...] eu lembro que no começo da faculdade a D. ela usava o cabelo natural mesmo assim solto né e eu achava lindíssima eu sempre admirei muito ela até o fato...depois ela começou a colocar tranças que é pra deixar o cabelo crescer né e tudo mais e eu sempre admirei demais o jeito que ela tratou o cabelo ela sempre foi muito firme nessas questões além de ser uma mulher negra empoderada assim sabe ela sempre trabalhou muito e até porque quando eu me identifiquei como mulher negra ela foi a primeira pessoa que eu tive uma conversa, que eu conversei sobre isso, que eu perguntei algumas questões, foi a primeira pessoa assim que eu pude hã como é que eu vou dizer? Eu fui abraçada, sabe, eu fui recebida na causa por ela, então eu acho que foi, ela é uma inspiração enorme pra mim.” (Lupita, 2022, grifo nosso)

Compartilhar vivências e ver D. mostrando empoderamento com seu cabelo natural fortaleceu Lupita para construir sua identidade de mulher negra e falar sobre essas questões. Enquanto Kimberly influenciou sua mãe e irmão no processo capilar, Luciana foi influenciada por seu filho mais velho, ambos contextos familiares foram se modificando a partir de como aconteciam as relações com seus cabelos, reformulando a forma que permitiram se conhecer. Santos (2018) fala sobre a importância de seu pai como uma referência familiar para se tornar negro. Podemos ver pelas falas das entrevistadas, assim como grande parte da população brasileira que é construída a base do racismo, manteve o ritual de alisamento de seus cabelos, contribuindo de alguma forma com o discurso dos racistas em relação aos cabelos afros. Mas ter/ser uma referência familiar de como manter um autocuidado com seus traços negróides possibilita criar um contexto aberto para diálogos e reconhecimento identitário. Foi a partir dessas influências familiares que possibilitou Luciana e a mãe de Kimberly de retomarem um de seus traços negróides, ao ponto de Luciana passar pela transição capilar e se sentir completa com seu cabelo curto natural somente depois que chegou na fase adulta.

O modo que as participantes se relacionam com seus cabelos foi se modificando a partir das trocas de experiências com outras pessoas, familiares ou não. Todas passaram por vivências semelhantes durante suas infâncias, quando buscavam esconder ao máximo seus cachos/crespos. Somente depois de compartilharem vivências com outras pessoas negras e entrarem no meio

acadêmico, suas percepções do cabelo afro foram se fortalecendo. Cada entrevistada possui um tipo de cabelo que se relacionam de formas diferentes. Isso nos mostra a heterogeneidade na construção de suas identidades enfatizando os estudos de Gomes (2019), Munanga (2020) e Oliveira e Mattos (2019), que falam como os diferentes contextos socioculturais interferem na percepção do que é ser negro no Brasil.

Manter convívio com outras pessoas negras com consciência positiva em seus traços negróides, nos possibilita entender o outro e nos autoconhecer também de forma positiva. É nesse ponto que manter convívio com pessoas negras que preservem uma boa relação com seus cabelos, nos fortalece e influencia em como podemos encontrar modos de se renovar e de reforçar autocuidados em nossos corpos negros. Compartilhando vivências nos permite fortalecer uns aos outros, (re)existindo e modificando os contextos para construir diversas imagens positivas de nossos corpos negros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender como as mulheres negras se relacionam com seus diferentes tipos de cabelo nos permitiu compreender como uma sociedade baseada no racismo perpassa a construção da autoestima dessas mulheres negras. O cabelo sempre fez parte da minha trajetória de vida pessoal e atualmente profissional. Trabalhar com tranças me possibilita conectar as diversas histórias de mulheres e meninas negras que também constroem suas imagens a partir de seus cabelos. Com isso surgiu a questão norteadora deste trabalho: como a estética do cabelo influencia na construção do autoconhecimento/auto aceitação da mulher negra? Para conseguir responder esse questionamento, esta pesquisa objetivou compreender a relação das mulheres negras com seus cabelos e, através das entrevistas narrativas, foi possível identificar e problematizar quais elementos influenciam na escolha de mulheres negras para performar seus cabelos.

Saber o que pode ser considerado racismo muitas vezes não é perceptível para muitas mulheres e homens negros. O racismo está tão internalizado no contexto social brasileiro, onde muitos ainda acreditam numa democracia racial, que constantemente é tratado com naturalidade, piadas, ditos como “feito nas coxas”, “coisa de preto”, “é só jeito de falar”. Palavras, elogios como “você é tão limpa pra uma nega” e “você está mais pra morena” menosprezam o outro para validar o corpo negro, diariamente, e é uma das questões que passam despercebidas como forma de racismo, pois não são consideradas (suficientemente) agressivas. “São só palavras”, palavras essas que internalizam e mexem com o psicológico e emocional do corpo negro, ao ponto de normalizar esses tipos de agressões que os afetam e acabam, de certa forma, afastando o indivíduo de uma aceitação positiva do que é ser negro. A busca para se aproximar do que é dito como aceito pela sociedade racista leva a conflitos internos e interpessoais. O cabelo é um aspecto de mais fácil acesso quando o indivíduo busca se aproximar do padrão branco. Quando a mulher negra percebe que mesmo com a mudança do estilo de cabelo ainda a veem como algo inferior, gera-se um conflito interno afetando diretamente a sua auto aceitação. Dessa maneira, muitas acabam repetindo os discursos pejorativos que os racistas usam, sobre seus cabelos.

Pensando nesses atravessamentos socioculturais que ocorrem na construção da identidade negra, em função do racismo, reforçar os traços negróides é de

extrema importância para os âmbitos social e pessoal, pois dessa forma podemos ressignificar o que é visto como belo e aceito, nos permitindo compreender como podemos nos mostrar para o mundo de forma positiva. Mas é necessário cuidado quando se trata do direito de escolha, pois muitas mulheres negras optaram em continuar com o processo de alisar seus cabelos, por influência muitas vezes profissionais. Para não cairmos no modo de julgamento visto como uma forma de se distanciar dos traços negros, é importante considerar o contexto histórico e cultural que esse tipo de cabelo nos conta sobre a cultura negra e os estilos de cabelos possíveis para construir a autoestima dessas pessoas. Outro ponto importante de considerar são os discursos de indústrias de cosméticos para cuidados do corpo negro, como esses segmentos utilizam o movimento de assumir seus cachos e crespos estão chegando aos seus consumidores finais: população negra. Como não esvaziar o uso de seus Blacks como algo político para transformar somente como algo estético?

A análise nos permitiu compreender a importância de referências negras que performam seus traços negróides positivamente, lutando sempre contra essa supremacia branca que está constantemente impondo seu padrão eurocêntrico como o certo. Como construir uma autoimagem positiva, quando tudo que é visto como aceitável e belo é distanciado do que você é/se vê?

Podemos começar mudando a forma que nos vemos, nos amando e respeitando quem somos. Ressignificando como nos mostramos para o mundo, fortalecendo os nossos semelhantes que vivem ao nosso redor. Quando vemos outras mulheres negras se amando e se (re)descobrindo belas nas formas que são, nos fortalecemos em nós e nos permitimos nos amar também. Foi esta visibilidade que buscamos construir nesta pesquisa.

Como futura professora e mulher negra que sou, acredito que um dos pontos norteadores iniciais para a diferenciação do “outro”, depois do âmbito familiar, é o ambiente escolar. Para ajudar a desmistificar os estereótipos criados pela sociedade racista para marginalizar o corpo negro, devemos pensar em como levar essas temáticas que envolvem a construção da identidade negra de forma positiva, para a educação, para as salas de aulas, instigando a reflexão e conhecimento dos alunos em geral. Criando um ambiente com referências positivas do corpo negro, possibilitamos construir um ambiente seguro para os alunos negros se fortalecerem em seus semelhantes e os alunos brancos repensarem seus modos de enxergar a

cultura negra como algo negativo. Pensando na área da Educação, em que me encontro como futura professora de Línguas Adicionais, buscarei tratar temas raciais para o ensino das línguas Inglês e Espanhol, com o uso das culturas e vivências de profissionais/individuos negros de outros países, objetivando a construção desse ambiente seguro e reflexivo para os alunos. Acredito que conhecer novas culturas nos ajuda a valorizar a nossa própria.

Tendo em vista os aspectos observados nesta pesquisa, acredito que o trabalho contribui para enfatizar que tratar sobre a temática da autoestima da mulher negra é muito mais complexo do que só tratar da estética, envolve reflexões sobre impor padrões, delata as consequências que o racismo afeta no âmbito psicoemocional de pessoas negras e como o corpo negro se delimita a partir de suas vivências e contextos culturais. Assim, acredito que este estudo possa colaborar na caminhada de outras pessoas negras que estão se (re)descobrimdo e conhecendo as diversas formas que podem ser, quando amamos quem somos com os nossos cabelos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019, p.256.

CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa Narrativa: Experiências e histórias na pesquisa qualitativa**. Uberlândia: Edefu, 2015.

COUTINHO, Cassi Ladi Reis. A estética negra em Salvador (1996 - 2005). ANPUH - **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 25., 2009, Fortaleza.

DA SILVA, Amanda, Raquel. Estética como ação política: fazendo cabeças e soltando cabelos. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 4, n. 6, p. 83-111, 22 set. 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da Identidade negra**. 3. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 457p.

JACINTO, Luis César Rodrigues. **Saberes de resistência, identidades e pertencimentos no Sul do Brasil: Modo de ser e viver nas narrativas de quilombolas da comunidade de Palmas (Bagé, RS)**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Universidade Federal do Pampa - Unipampa. Programa de Mestrado Acadêmico em Ensino, Bagé, 2019.

MARIANE, Fábio; MATTOS, Magda. **Notas de leituras, resumos e resenhas**. R. Educ. Públ. Cuiabá, v. 21, n. 47, p. 663-667, set./dez. 2012.

Memória da imprensa negra no Brasil. **Observatório da Imprensa**. Disponível em: www.observatoriodaimprensa.com.br/equidade-racial/memoria-da-imprensa-negra-no-brasil/. Acesso em: 22 de Mar. 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Uso e sentidos**. 4. ed. São Paulo: Autêntica, 2020. 96p.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO - PENESB**, 3., 2003, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Aryanne Pereira de Oliveira; MATTOS, Amana Rocha. Identidades em transição: Narrativas de mulheres negras sobre cabelos [...]. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 2, p. 445-463, mai-ago. 2019.

SCHUMAN, Lia Vainer. Racismo e Antirracismo: a categoria raça em questão. **Psicologia Política**, v.10, n.19, p. 41-45, jan-jun, 2010.

SILVA, Rhaul de Lemos. O corpo negro: a estética negra como forma de resistência. **CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES NEGROS - COPENE**, 10., 2018, Uberlândia, Minas Gerais.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO (continua)

Termo de consentimento da pesquisa de TCC

Este trabalho de pesquisa intitulado "O enrolar dos fios: conhecendo histórias de mulheres negras" tem como objetivo investigar como os tipos de cabelos influenciam no autoconhecimento e na auto aceitação da mulher negra. Partindo das minhas vivências pessoais, como mulher negra, sobre a relação cabelo e auto estima, buscamos compreender como outras mulheres negras se relacionam com seus diferentes cabelos em suas trajetórias de vidas.

realmerigoulart.aluno@unipampa.edu.br [Alterar conta](#) 

***Obrigatório**

E-mail *

Seu e-mail _____

Nome: *

Sua resposta _____

CPF/RG: *

Sua resposta _____

Telefone: *

Sua resposta _____

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO (conclusão)

| | |
|--|--------------------------|
| <p>E-mail: *</p> <p>Sua resposta _____</p> | |
| <p>Autorizo o uso do meu nome na pesquisa: *</p> <p><input type="radio"/> Sim</p> <p><input type="radio"/> Não</p> | |
| <p>Caso não queira que seu nome real apareça na pesquisa, por favor escreva um pseudônimo para preservar sua identificação.</p> <p>Sua resposta _____</p> | |
| <p>Autorizo o uso dos dados resultantes das entrevistas e demais materiais (áudios e imagens) que contem com a minha participação para fins de pesquisa e futuras publicações. A presente autorização é concedida a título gratuito e por esta ser a expressão da minha vontade, declaro e autorizo o uso sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a esses dados. *</p> <p><input type="radio"/> Concordo e autorizo: Somente os dados da entrevista</p> <p><input type="radio"/> Concordo e autorizo: Dados da entrevista e os demais materiais (áudios e imagens)</p> <p><input type="radio"/> Não autorizo</p> <p><input type="radio"/> Outro: _____</p> | |
| <p>Enviar</p> | <p>Limpar formulário</p> |
| <p>Nunca envie senhas pelo Formulários Google.</p> <p>Este formulário foi criado em Universidade Federal do Pampa. Denunciar abuso</p> <p>Google Formulários</p> | |

APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE KIMBERLY (continua)

Entrevista Assíncrona
Via whatsapp
Realizada na semana de 26/11

Rosiméri: Primeiramente obrigada Kim por aceitar participar desta pesquisa e pra começar então eu peço que você fale seu nome, sua idade, o que gosta de fazer e o que está fazendo no momento.

Kimberly: Bom eu me chamo Kimberly do Couto Paz, eu tenho 25 anos eu sou artista, maquiadora, dreadmaker e tranquista e no momento eu tô desempregada por conta da pandemia do coronavírus que acabou atrapalhando toda o meio em que eu tava me inserindo toda minha área de atuação e acabei ficando desempregada e vivendo desses bicos desses segmentos dos quais eu me identifico mas hoje estou estudante de comunicação também.

R: Bom agora me fale um pouco como é ser mulher negra em Bagé?

Kimberly: Bom é sempre um grande processo em se entender como mulher negra mas viver numa cidade majoritariamente branca de interior no Rio Grande do Sul acaba facilitando né porque a sociedade faz questão de te colocar num lugar e de si entender como diferente como não sendo padrão como não sendo o que a sociedade esperava o que tu fosse né, então é essa sensação de estar sempre na margem óbvio que tem pessoas que acabam sendo colocada nessa situação de maneira muito mais regressiva como mulheres trans, mulheres trans pretas e enfim mas ser uma mulher preta numa região como essa é sempre se sentir deslocada né sempre ser colocada quanto deslocada é por mais que o Rio Grande do Sul seja um estado que tem uma tradição de resistência dentro da população preta é muito forte é a toa que daqui veio o 20 de novembro, apesar disso é muito difícil resistir enquanto pessoa preta num estado que faz questão de tentar apagar nossa história, nossa existência né então se sentir uma mulher preta nesse estado é tá sempre a margem tá sempre é a mercê da situação né.

R: Como era seu cabelo na infância? E como era sua relação com ele nesse época?

Entrevista Assíncrona
Via whatsapp
Realizada na semana de 26/11

K: Quando eu era criança eu usava muita trança, usava muita trança, usava o cabelo muito preso, meu cabelo nunca tava solto porque até porque a minha mãe não sabia exatamente como lidar com meu cabelo mas ela cuidava tentava se esforçar pra cuidar, os esforços que ela teve com meu cabelo quando eu era criança me fizeram querer relaxar o cabelo com o tempo com o apoio dela óbvio né ela também sabia, fizeram eu querer relaxar o cabelo com o tempo e depois disso passar pelo processo de alisamento porque eu sabia que eu não era o padrão, as minhas amigas negras também passaram por esse processo de alisamento e meu cabelo como tava sempre preso, dali eu vi uma possibilidade de soltar o cabelo, de usar o cabelo ... que o cabelo se me desse que era o que se passava na minha cabeça, eu achava que meu cabelo não ia se mexer se eu soltasse, que ele não ia ficar bonito, que o meu cabelo bonito ele tava sempre preso, tava sempre trançado e a trança nesse momento foi uma tentativa de alisamento né, foi uma tentativa de tentar normalizar tentar é segurar, domar aquele cabelo então demorou um bom tempo pra eu entender a importância do meu cabelo na formação da minha identidade não só como mulher preta mas quanto indivíduo também porque eu acho que o processo que eu estive com o cabelo alisando ele acabou apagando muito da minha individualidade e quando eu consegui assumir/identificar meu cabelo eu tive a possibilidade de construir uma identidade de construir uma identidade não só como uma mulher negra mas como indivíduo.

R: E agora como está sua relação com o cabelo? Mudou alguma coisa?

K: Bom hoje em dia a minha relação com o cabelo é uma relação de é como se nós dois estivéssemos coexistindo no mesmo corpo então eu penso no meu cabelo como uma extensão do que eu tô sentido, do lugar onde eu estou me colocando, hoje em dia eu identifico meu cabelo como forma de resistir e como eu sempre estive nesse lugar, há muito tempo eu tô nesse lugar de militante, meu cabelo acaba se tornando uma arma pra vestir esse personagem militante né pra me autoafirmar, pra me sentir respeitada em determinados lugares, meu cabelo faz totalmente parte disso então eu já tive dread, uso trança corriqueiramente, faço altos penteados no cabelo mas gosto sempre de voltar pro black porque eu acho que dentro dessa

Entrevista Assíncrona
Via whatsapp
Realizada na semana de 26/11

minha persona militante ele faz com que eu...ele me apoia sabe ele me ajuda a me autofirmar nos espaços então hoje em dia é uma relação de muito respeito sobre quem teve aqui antes de mim e respeitou seu cabelo, sobre todo processo que a sociedade esperava que eu fizesse pra não respeitar minha identidade, pra não respeitar minha ancestralidade através do meu cabelo então eu acho que tem muita coisa pra eu valorizar nele pra que me fez amar e respeitar todo meu cabelo e todos os processos dele e todos os cuidados que eu preciso manter com ele pra que ele continue me apoiando sabe é como se fosse um apoio visual no meu corpo.

R: Quando você se olha no espelho como você vê seu cabelo? Mudaria algo? Por quê?

K: Mudaria, mudaria o tamanho quanto maior melhor, o meu sonho é ter um cabelo muito grande pra chegar no rolê e todo mundo olhar e falar assim " meu deeuuus! Olha o tamanho do cabelo daquela menina". Só que eu sou muito ansiosa e sempre corto o cabelo antes dele chegar no tamanho que eu queria mas a única coisa que eu mudaria nele hoje em dia é o tamanho porque eu aprendi a respeitar e amar meu cabelo com muita força então hoje em dia eu tenho uma relação muito saudável com ele e respeito muito toda a história que ele carrega.

R: Em relação aos ambientes de trabalho aqui de Bagé. Acha que o tipo de cabelo influencia nesse momento?

K: Muito, muitas vezes eu tenho certeza que eu não consegui determinados empregos em relação a minha aparência, relacionado a minha aparência e principalmente ao meu cabelo, então infelizmente toda vez que eu vou entregar currículo e são muitas as vezes entrego muitos currículos, toda vez que vou entregar currículo presencialmente eu prendo o cabelo, deixo o cabelo mais é infelizmente me sinto obrigada deixar meu cabelo mais discreto possível porque a sociedade não espera que mulheres negras estejam numa posição de autoconfiança tão forte ao ponto de amarem seus cabelos, ao ponto de botar seus cabelos pra cima então infelizmente quando eu vou entregar currículos eu procuro

Entrevista Assíncrona
Via whatsapp
Realizada na semana de 26/11

deixar meu cabelo mais discreto porque eu sei que as pessoas julgam, que as pessoas acham curioso, que as pessoas acham exótico então é triste é muito triste enxergar o cenário que a gente vive mas todo esse processo inclusive de procurar emprego já é um processo que a gente se coloca numa posição de humilhação assim sabe de que precisa da ajuda do outro, que precisa que o outro nos valide então a gente acaba se sentindo obrigado a se encaixar e se fosse diferente eles iam olhar meu currículo vão amassar e colocar num canto porque ninguém vai chamar uma mina preta com o cabelo do tamanho que o meu tá, armado pra cima e se sentindo autoconfiante com isso, isso é uma ameaça pra sociedade então esses espaços principalmente espaços de comércio eles sempre reagiriam assim por isso hoje eu tô mais focada em buscar emprego em espaços que valorizem isso e que tenham vagas predestinadas a pessoas pretas que tenham... Que possuam processo de trainee para pessoas pretas ou que sejam empresas só constituídas com pessoas pretas como outras empresas dentro das áreas que eu atuo são.

R: Você acompanha artistas que usam o cabelo como temática em suas áreas?

K: Sim e acho muito importante que essas pessoas continuem fazendo seus trabalhos e levando a frente esse processo de construção da sua identidade através do cabelo e continuem falando sobre isso pra que outras pessoas se identifiquem olha, pensa e olha oh não sou só eu outras pessoas negras estão passando pelo mesmo processo de identificar o nosso cabelo e de achar, de agir com naturalidade de fazer com que, deixar com que ele sub de respeitar o processo que meu cabelo passa e o cabelo de e saber que existem outras pessoas no mundo, eu acho que isso é o principal saber que existem outras no mundo.

R: Existe alguém que você tenha como referência?

K: Muitas, muitas, muitas o primeiro contato que eu tive com o meu cabelo de deixar ele crescer foi através da internet, eu conheci que alguns pessoas que trabalhavam com youtube, alguns youtubers que cuidavam do próprio cabelo que valorizavam

Entrevista Assíncrona
Via whatsapp
Realizada na semana de 26/11

seu cabelo entendi que aquele que aquilo era um processo muito mais profundo do que eu imaginava e comecei a criar debates através da minha identidade, através do meu cabelo pra entender a minha identidade, pra entender de onde eu vinha, como eu vinha e eu acho que uma das pessoas que me influenciou ela não estava perto porque as pessoas que eu convivia na época que eu passei pela minha transição elas nenhuma ou não eram pretas ou não ainda não haviam passado por esse questionamento de deixar o cabelo natural de valorizar as suas raízes então eu acabei me influenciando muito pela Nátaly Neri, na internet né porque ela começou na internet mais ou menos quando eu comecei esse meu processo de transição e próximo assim eu tive a felicidade de passar pelo processo de influenciar a minha família sabe muitos sentimentos quando eu deixei meu cabelo natural a minha mãe começou a deixar o cabelo dela natural também, o meu irmão resolveu deixar o cabelo dele crescer então foi um processo muito forte pra mim porque eu consegui enxergar que outras pessoas negras se enxergavam na gente e depois com o tempo acabei conhecendo várias pessoas negras que até hoje me inspiram em relação a isso.

APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE LUCIANA (continua)

Entrevista Assíncrona
Via whatsapp
Realizada na semana de 03/01

Rosiméri: Primeiramente obrigada por aceitar participar desta pesquisa e pra começar então eu peço que você fale seu nome, sua idade, o que gosta de fazer e o que está fazendo no momento.

Luciana: Meu nome é Luciana Rodrigues Neto tenho 48 anos, sou policial militar da reserva remunerada, eu gosto de estudar, ler e assistir tv e séries com os filhos, atualmente eu sou apenas mãe, cuidadora de idosos no caso do meu pai e da minha mãe e do lar.

R: Bom, agora me fale um pouco como é ser mulher negra em Bagé?

Luciana: Quando na adolescência, da infância, eu não entendia o que era o racismo né então eu vou te falar da minha experiência a partir da... do momento que eu comecei a entender o racismo que foi e a partir do momento que eu entrei na faculdade quando eu me aposentei foi em 2016, eu até então me via tranquila numa situação de tranquilidade de não racismo, não entendendo que o que muitas vezes eu sofri eu passei foi racismo, do tipo é ser objetivada por muitos colegas por ser uma mulher mais voluptuosa né diferentemente de muitas colegas brancas que eram mais magras menos corpulentas e em relação a serviço não passei muita dificuldade por causa que eu fiz concurso com 19 anos concurso público então em relação a serviço eu não passei tanto dificuldade mas observo sim que não se vê tantas mulheres negras em condição de supremacia branco ou até mesmo não de supremacia mas de igualdade as mulheres brancas na sociedade bageense a gente é olhada vista com um olhar diferente com o olhar o que objetifica ou que discrimina.

R: Como era seu cabelo na infância? E como era sua relação com ele nessa época?

Luciana: Na infância eu tinha o cabelo cacheado, crespo, cacheado e minha mãe me trançava até os quatros anos sempre usei tranças, cabelo dividido ao meio e trançado porém eu adorava o cabelo embora sofresse muito pois minha mãe ela tem o cabelo ondulado puxando para um liso então ela não entendia muito bem o

Entrevista Assíncrona

Via whatsapp

Realizada na semana de 03/01

meu cabelo mais crespo, mais cacheado e ela puxava muito, quando da decorrença de um acidente que ela sofreu ela cortou meu cabelo "joãozinho" muito muito muito curto então eu tenho até hoje eu tenho esse déficit de eu tenho uma necessidade de de cultivar vamos dizer assim o meu cabelo mais longo, hoje em dia nem tanto mas sempre mais comprido do que ser um "joãozinho".

R: E agora como está sua relação com o cabelo? Mudou alguma coisa?

Luciana: Agora eu amo o meu cabelo, eu tive com ele liso já estive com ele muito comprido, muito cacheado e agora eu cortei mais ou menos um ano atrás eu cortei pra fazer a transição né do liso pra retornar meu cacheado e eu amo meu cabelo me vejo completa com ele.

R: Quando você se olha no espelho como você vê seu cabelo? Mudaria algo? Por quê?

Luciana: Eu gosto do que vejo no espelho é o que eu mudaria? deixar crescer eu gosto de cabelo comprido, acho que fica bem não concordo com pensamento de que ah mulher mais velha tem que ter o cabelo mais curto, não eu gosto do meu cabelo crespo, comprido e volumoso não tão armado quanto o black power mas um cabelo com presença, acho lindo quando olho no espelho, se alguém vier me pentear e fizer penteados, tranças eu amo é o que eu mudaria só é mudanças assim trança aqui, trançava um dia outro dia prende, outro dia deixa mais volumoso são só essas mudanças, alisar já não faria mais a não ser essas pranchas que fazem assim pra uma festa ou outra mas mesmo assim não, já tive o cabelo muito tempo nessa forma já não me sinto tão à vontade.

R: Em relação aos ambientes de trabalho aqui de Bagé. Acha que o tipo de cabelo influencia nesse momento?

Luciana: Eu acho que influencia ai eu vou te explicar a seguinte, a seguinte situação que eu vejo numa loja bem transada, bem moderna o cabelo black ele vai ser bem aceito porque as pessoas querem ser modernas e hoje em dia o moderno é

Entrevista Assíncrona

Via whatsapp

Realizada na semana de 03/01

aceitar tudo porém, contudo, entretanto, todavia nas lojas mais elitizadas talvez, não sei se é o termo correto, o mais de pessoas mais antigas mais mais cheias de preconceitos, pré-conceito elas já vão exigir um cabelo black preso ou cortado, não sei se eu estou correta porque hoje em dia eu estou fora do mercado de trabalho mas no meio em que eu vivi que foi a brigada militar não por ser cabelo black o cabelo liso mas nós era norma termos de usar cabelo preso, dificilmente tu vai ver um policial militar de cabelo solto sempre vai ser de cabelo... a mulher principalmente sempre vai ser com coque se ela estiver no policiamento o extensivo e de colinha por vezes se estiver com o uniforme de educação física.

R: Você acompanha artistas que usam o cabelo como temática em suas áreas?

Luciana: Sim, Taís Araújo, Beyoncé, Iza, Raul Paul, Diana Ross entre outras agora assim não to lembrando mas tem várias... Sandra de Sá, Carlinhos Brown.

R: Existe alguém que você tenha como referência?

Luciana: Eu tenho uma referência muito forte assim talvez é as pessoas achem até estranho mas eu referencio o meu filho, meu filho mais velho Igor ele tem uma relação com o cabelo dele muito interessante e muito despojado assim é muito muito autêntica sabe ele tem o cabelo cacheado tal qual o meu eu acho que uma diferença mínima de cacho ali de uma numeração mínima de um pro outro, só que ele é muito mais criativo, ele o cabelo é ele consegue performar aquele cabelo sabe, ele já teve bem curtinho, já teve com o cabelo médio e agora ele tá com o cabelo bem comprido e ele tem uma relação muito legal com o cabelo ele consegue criar performar o cabelo e sem apego sendo apegado se é que tu me entende assim ele tem uma versatilidade com o cabelo incrível isso me atrai e faz com que eu tenha ele como uma referência legal na minha vida de pessoa que tem uma boa um bom relacionamento com o cabelo.

APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE LUPITA (continua)

Entrevista Assíncrona
Via whatsapp
Realizada na semana de 03/01

Rosiméri: Primeiramente obrigada por aceitar participar desta pesquisa e pra começar então eu peço que você fale seu nome, sua idade, o que gosta de fazer e o que está fazendo no momento.

Lupita: Oi então meu nome é Lupita, eu tenho 24 anos, ah eu gosto de fazer um pouco de tudo né gosto de muito de ficar em casa, gosto também um pouco de sair há eu gosto muito de ver meus amigos essas coisas assim e eu atualmente sou professora então eu tenho mais tempo trabalhando do que tendo mais esse tempo pra lazer assim e eu sou professora do estado então é um pouco mais puxado né por trabalhar em escolas públicas toda essa questão.

R: Bom, agora me fale um pouco como é ser mulher negra em Bagé?

Não foi respondida.

R: Como era seu cabelo na infância? E como era sua relação com ele nessa época?

Lupita: Bom o meu cabelo na infância ele não tinha uma forma definida então quando eu era menor assim eu lembro que meu cabelo ele era na raiz liso e pra baixo ele era bem cacheado assim ele tinha uns cachinhos muito lindos, quando eu era pequena eu não gostava do meu cabelo eu já não gostava dele natural então ele sempre eu sempre andava com ele atado, sempre com uma trancinha pro lado, às vezes com rabicó, sempre de coque eu nunca deixava meu cabelo solto até pelo fato de ele ser muito armado pra mim na época isso era uma coisa que me incomodava muito então eu não conseguia deixar ele natural de jeito nenhum assim eu não conseguia usar ele solto arrumar ele definir ele até porque na época eu não tinha conhecimento né nem eu nem a minha mãe então a gente não tinha esse conhecimento de como arrumar o meu cabelo do que fazer pro meu cabelo ficar do jeito que eu gostasse né então tudo isso foi uma questão muito difícil pra mim na infância porque na época eu sofria muito bullying não pelo cabelo mas na época eu sofria muito bullying por outras coisas e o meu cabelo ele dava há como é que eu vou dizer? ele me incomodava também então tudo isso juntou né tudo isso eu já

Entrevista Assíncrona

Via whatsapp

Realizada na semana de 03/01

tinha uma auto estima muito baixa então tudo isso juntou e acabou que afetou muito a minha autoestima até hoje com o meu cabelo natural então ainda hoje eu não consigo utilizar o meu cabelo natural não consigo e não gosto do meu cabelo natural talvez seja por esses traumas né que vem de infância assim então eu sei que de alguma forma tudo isso há como é que eu vou dizer? afetou a minha autoestima.

R: E agora como está sua relação com o cabelo? Mudou alguma coisa?

Lupita: Então atualmente eu aliso o meu cabelo né desde 2014 é desde 2014 eu aliso o meu cabelo e eu sempre fiz definitiva, progressiva e de resto assim eu só fui hidratando e cuidando dele mas desde então eu só aliso o meu cabelo eu não consigo usar o meu cabelo natural e claro essa foi uma forma que eu encontrei pra não usar o meu cabelo natural porque eu nunca gostei do meu cabelo natural nunca me senti confortável com ele e hoje em dia eu aliso o meu cabelo sempre gostei do meu cabelo assim eu até ele começa crescer já raiz natural e tudo mais eu deixo por um tempo mais depois eu volto a alisar eu não consigo mais gostar mesmo dele natural há em 2020 agora a pandemia quando surgiu a pandemia eu deixei ele um pouco, um tempo natural assim o tempo que eu tava em casa pra ver se eu conseguia me adaptar e tudo mais, eu até gostava dele sabe eu olhava no espelho e conseguia me sentir bem, gostava mas não era o que eu me sentia eu mesma então eu comecei a alisar novamente pra eu me sentir confortável comigo mesma, eu comecei alisar novamente até por conta de ficar trocando toda hora de cor pra mim era mais fácil então tudo isso foi algo que eu achei, forma que eu achei de conseguir de gostar de mim minha auto estima começar a melhorar e ao mesmo tempo eu me senti confortável ao me ver no espelho e gostar de como eu tava vendo o meu cabelo porque sempre foi uma questão muito difícil pra mim essa questão com o cabelo até pelo fato de que quando eu era criança eu não conseguia usar ele natural e nem solto né ele era, ele era natural na época mas não era solto eu nunca conseguia mostrar meu cabelo de verdade então eu nem lembro assim de ver meu cabelo solto sabe não tenho uma memória de ver ele solto e saber como é que ele é, eu só lembro que ele era muito armado e que eu tava sempre de trança, de coque sempre de algum jeito com ele atado preso né que eu não visse que ele tava solto porque eu não consigo me lembrar realmente não tenho memórias creio

Entrevista Assíncrona

Via whatsapp

Realizada na semana de 03/01

que eu exclui algumas dessas memórias pelo fato de que isso mexia muito com a minha autoestima então quando eu comecei a alisar o meu cabelo eu me lembro né que quando eu comecei a alisar meu cabelo foi quando eu comecei a me sentir muito bem comigo mesma e aí foi quando a minha autoestima começou a melhorar eu conseguia usar ele solto as vezes atado mas isso não afetava né então eu sempre me senti bem depois que eu comecei a alisar o meu cabelo enquanto eu não alisei o meu cabelo eu não me sentia nem bem e nem confortável comigo mesma.

R: Quando você se olha no espelho como você vê seu cabelo? Mudaria algo? Por quê?

Lupita: Como eu falei anteriormente sobre o meu cabelo, sobre eu me ver né em frente ao espelho agora eu me sinto muito mais confortável eu não mudaria nada no meu cabelo agora a única coisa que eu gostaria no meu cabelo é que ele crescesse há porque claro de tanta química no meu cabelo a definitiva mais eu fazendo a descoloração por eu pintar o cabelo muitas vezes trocar as cores acaba que ele fica mais ressecado acabei quebrando o meu cabelo então claro isso são cuidados que eu devo ter né no meu cabelo mas eu não mudaria nada em questão assim estética de não fazer mais esse alisamento eu não mudaria eu continuaria fazendo meu alisamento pelo fato de que realmente com o meu cabelo natural eu não me sinto confortável porque eu lembro que eu tentei né uns anos atrás em 2020 mudar deixar ele natural e tudo mais, eu gostava muito dele deixei há eu lembro que eu comecei a tratar bastante dele até o volume consegui tirar e tudo mais pra ver se eu me sentia bem mas mesmo assim não é como eu me vejo não parece que eu não me sinto a mesma Pamela e não é uma coisa que eu gosto então eu comecei a trocar alisei de novo aí comecei primeiro pela chapinha pelo secador né escova chapinha pra depois eu voltar a alisar ele novamente porque até então eu não tava mais alisando não tava passando nenhuma química tava deixando pra ver como é que ele ia ficar natural mesmo e aí sim depois quando eu vi que eu não tava mais gostando aí sim comecei... voltei a alisar ele novamente.

Entrevista Assíncrona
Via whatsapp
Realizada na semana de 03/01

R: Em relação aos ambientes de trabalho aqui de Bagé. Acha que o tipo de cabelo influencia nesse momento?

Lupita: Sobre o ambiente de trabalho aqui em Bagé eu nunca trabalhei mas assim eu creio que sim infelizmente há é muito mais fácil a gente chegar em uma loja e ver mulheres com cabelo liso do que mulheres com cabelo crespo né então eu acho que isso influencia bastante sim e eu sei que infelizmente existe o racismo né e aqui em Bagé ele é bem frequente então é muito mais fácil também vermos mulheres negras trabalhando mulheres brancas desculpa trabalhando do que mulheres negras então eu creio que esse fato do cabelo também implica bastante porque é como eu te digo eu vou em lugares frequento vários lugares lancherias, lojas tudo aqui em Bagé e é muito mais raro eu ver pessoas com o cabelo natural né pessoas negras né com o cabelo natural crespos do que ver pessoas com o cabelo liso, cabelo liso a gente vê em todos os locais até mesmo pessoas negras com o cabelo liso né que é como o meu caso que alisam o cabelo então eu acho que esse fato do cabelo ele implica bastante sim.

R: Você acompanha artistas que usam o cabelo como temática em suas áreas?

Lupita: Infelizmente eu não acompanho muito essas questões do cabelo assim há mas são pessoas conhecidas mesmo né que eu já conheço que são amigos próximos e tudo mais mas artistas não costumo acompanhar né infelizmente eu não tenho essa rotina assim de acompanhar né algumas vezes eu leio coisas sobre alguma coisa assim mas não é uma coisa que eu que eu acompanhe tanto acho até mesmo que é pelo fato de que é que quando eu consegui deixar o meu cabelo natural eu comecei a ler bastante sobre isso e eu lembro que na época eu me pressionei muito pra pra deixar sabe era como se eu fosse obrigada a isso eu tinha que fazer isso por mim mesma e aí isso me acabou me deixando mais traumatizada eu acho porque eu não entendia que eu podia deixar o meu cabelo liso e isso não ia ser uma coisa tão ruim pra mim mesma que simplesmente eu não me aceitava com o cabelo natural eu não gosto eu não me sinto confortável então eu acho que até hoje eu não consigo sabe trabalhar muito essas questões ver muito sobre isso ler

Entrevista Assíncrona

Via whatsapp

Realizada na semana de 03/01

sobre isso acompanhar falas sobre isso algumas vezes eu vejo no instagram alguma coisa assim mas eu não não tenho esse costume de ficar lendo de ficar olhando e eu claro tem algumas falas que eu vejo das minhas amigas né que são amigas que fizeram essa transição do cabelo liso pro cabelo natural então tudo isso afetou bastante sabe então eu acho que eu não consigo ler mais sobre não consigo acompanhar sobre até por esse trauma assim que eu mesma me coloquei sabe.

R: Existe alguém que você tenha como referência?

Lupita: Sim eu tenho duas referências que são duas amigas minhas que é a D. e a M. que são amigas que há a D. no começo da faculdade eu conheci na faculdade as duas, e eu lembro que no começo da faculdade a D. ela usava o cabelo natural mesmo assim solto né e eu achava lindíssima eu sempre admirei muito ela até o fato...depois ela começou a colocar tranças que é pra deixar o cabelo crescer né e tudo mais e eu sempre admirei demais o jeito que ela tratou o cabelo ela sempre foi muito firme nessas questões além de ser uma mulher negra empoderada assim sabe ela sempre trabalhou muito e até porque quando eu me identifiquei como mulher negra ela foi a primeira pessoa que eu tive uma conversa que eu conversei sobre isso que eu perguntei algumas questões foi a primeira pessoa assim que eu pude há como é que eu vou dizer? eu fui abraçada sabe eu fui recebida na causa por ela então eu acho que foi ela é uma inspiração enorme pra mim, eu tenho também a M. né que também eu conheci na faculdade a M. na faculdade quando eu a gente andava muito juntas ela sempre alisou o cabelo e ai a partir da quando começou a pandemia acho que foi ela também foi começando fazer essa transição até que hoje ela usa o cabelo natural dela sou apaixonada por ela pelo cabelo dela eu acho incrível como ela com a transição ela foi se tornando uma mulher muito mais forte mais empoderada sabe ela sempre foi de mostrar muito a paixão pelo cabelo e tudo mais e eu hoje mesmo eu vejo assim é uma Maristela diferente do que eu conheci na época não só pelo cabelo mas digo pela força que ela mostrou se ter sabe após essa transição e eu também tenho uma outra amiga que eu já conhecia antes que é a K. e a K. ela também no começo ela tinha o cabelo liso quando eu conheci ela né a gente se conheceu um pouco antes da faculdade ela tinha o cabelo liso e após a faculdade ela começou a usar tranças e até então ai ela

Entrevista Assíncrona

Via whatsapp

Realizada na semana de 03/01

começou a usar o cabelo natural tirou as tranças e isso foi uma questão muito bonita porque assim ela eu lembro que na época ela raspou o cabelo né pra deixar o cabelo crescer natural e foi muito lindo de ver essa transição dela que eu pude acompanhar de pertinho assim o cabelo indo crescendo sabe até hoje o cabelo enorme dela ta lindo assim é lindo lindo de ver e eu acho muito importante e eu tenho um amigo de infância que é o S. que é assim muito muito muito importante pra mim também que é um homem negro né gay e ele tem o cabelo natural então eu acho lindo eu admiro demais o cabelo dele porque ele sempre usou o cabelo natural sempre desde que nós eramos crianças assim a gente ele sempre usou o cabelo natural eu não deixava não gostava do meu e ele sempre gostou do dele e eu lembro que a gente nunca foi de comentar muito sobre isso sabe e quando eu comecei a alisar o meu cabelo ele nunca me perguntou e eu nunca falei nada sobre o cabelo dele também até pelo fato de que a gente não tinha tanto esse conhecimento mas depois de um tempo assim que eu comecei a admirar sabe ele sempre foi muito muito cuidadoso com o cabelo dele ele sempre foi de admirar demais o cabelo dele e eu também claro a força que ele tem que assim sabe a gente sente de longe ele vindo assim com aquele cabelo perfeito é muito muito bonito assim eu acho eu fico encantada claro é são pessoas que eu acho assim que eu tenho uma admiração enorme não só pelo fato do cabelo em si mas pela força que eles tem pela coragem que eles têm de eles serem eles mesmos e também pelo fato de que eu eu percebo neles assim uma força grandiosa assim sabe um poder neles que é incrível de ver.